

JORNAL I
Edição 17 Fevereiro 2015

VISTO DE FORA

Que trapalhada, Dr. Cunha!

Com que então, Dr. Cunha, diz V. Ex.^a que o reembolso aos investidores do papel comercial vendido nos balcões do Banco Espírito Santo não é da responsabilidade do NB?



Carlos Lucena

Meu caro Dr. Stock da Cunha, devo confessar que as suas declarações do passado dia 5 de Fevereiro me espantaram. Espantaram-me como advogado, mas sobretudo espantaram-me como cidadão de um país no qual, acreditava eu, ainda valia a pena confiar nas palavras – escritas, ainda por cima – de instituições como o Banco de Portugal (BdP), que, subera certamente, Dr. Cunha,

actua como se fosse o dono do Novo Banco (NB), ou seja, o seu patrão. Com que então Dr. Cunha, diz Vossa Excelência que o reembolso aos investidores do papel comercial vendido nos balcões do Banco Espírito Santo não é da responsabilidade do NB?

Presumo, Dr. Cunha, que não seja um homem versado nas novas tecnologias, porque se o fosse teria certamente lido o comunicado do NB, publicado exactamente no site do... NB – veja lá as coincidências desta vida, Dr. Cunha! –, no qual se lia, e passo a citar:

“O Papel Comercial emitido pela ESI e Rio Forte transitam para o NB, e este mantém a intenção de assegurar o reembolso, na maturidade, do capital investido pelos seus clientes não institucionais junto das redes

comerciais do Grupo BES de então.”

Resumidamente, Dr. Cunha, foi isto que apareceu escrito no sítio da instituição que vossa excelência abnegadamente é, estou certo, com grande sacrifício pessoal, dirige. Terá nascido de geração espontânea? Terá sido um “pirata” – informático, fique bem claro – a escrever e a assinar tal declaração?

Curiosamente, Dr. Cunha, o próprio BdP, que não tem piratas nem corsários, afirmou também, numa deliberação datada de 14 de Agosto, que “o Papel Comercial emitido pela ESI e Rio Forte transitam para o NB, e este mantém a intenção de assegurar o reembolso, na maturidade, do capital investido pelos seus clientes não institucionais junto das redes comerciais do Grupo BES de então”.

Que coisa estranha, Dr. Cunha! Quase, mas quase tão estranha como as suas declarações de 5 de Fevereiro, nas quais, num emocionante flick flick a retaguarda, dá o dito por não dito e diz que afinal o reembolso aos investidores do papel comercial vendido nos balcões do Banco Espírito Santo é da responsabilidade “dos emitentes”.

Terá sido, Dr. Cunha, o flick flick autorizado pelo BdP? Ou terá sido uma iniciativa exclusivamente sua? Se for o primeiro caso, deixe-me que lhe diga que o meu espanto se converterá numa profunda decepção. Caso a resposta certa seja a segunda, deixe-me que lhe diga que ainda está a tempo de se retractar e de assumir o erro.

Mais, o scrubístico flick flick com que agora nos impressionou revela algo aborrecido, se sentiu a necessidade de dizer algo de novo, é porque afinal há mais para dizer e explicar. E alguém terá de o fazer.

Seja como for, vossa excelência saberá certamente que os pequenos investidores não institucionais do GES começam a estar verdadeiramente cansados dos saltos mortais – sempre à retaguarda – do governo, do Banco de Portugal e das entidades que deveriam zelar pelos seus direitos, enquanto cidadãos.

Sócio e managing partner na
TELLES DE ABREU e Associados RL



As acrobacias de um banqueiro

ESTADO DE GRAÇA



GRAÇA CANTO MONTIZ

Era um frigorífico, por favor

António Costa, edil lisboeta e candidato a primeiro-ministro, aprovou um perdão de 1,8 milhões de euros a um clube de futebol profissional. Até aqui nada de grave, caso as taxas e taxinhas indultadas fossem relativas a apoios a modalidades amadoras, juvenis ou outras actividades de interesse público. Mas não, as taxas e taxinhas da discórdia são relativas a capitalismo puro e duro – vulgo actividades comerciais.

Segundo consta, Mário Soares já alinhavou um duro roteiro sob o título “António Costa o perigoso neoliberal”.

Em causa não está o clube, nem poderia estar, este limitou-se a aproveitar uma benesse pré-eleitoral. Sejamos honestos, quem não aproveitará? Em causa está o conceito BSP*, que subjaz a toda a acção política do Partido Socialista nas últimas quatro décadas, acção cujos resultados estamos a pagar.

Costa, que é acusado de não apresentar ideias concretas para um futuro governo nacional, mostra que se há coisa que não perdeu foi a veta esbanjadora socialista. Esta medida de pré-campanha é um sinal evidente de que ainda está para vir. Para esta campanha podemos sanhar com um regresso glorioso do Partido Socialista às suas duas campanhas dos anos 80 e 90, em que tudo era possível. Entretanto, como que não quer a coisa, já concebi a arranjar espaço na cozinha, na esperança de que António Costa faça a sua visita e deixe um microondas ou, quem sabe, até o tão desejado frigorífico eleitoral.

* Bolsão Sem Fundo – Política económica em que o despesismo impera e a pasteleriari alguém pagará a factura.

Blogger. Escrito à terça-feira